

CORPOREIDADE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA: UM BREVE RESGATE HISTÓRICO PARA ENTENDIMENTO

CORPOREALITY AND ITS RELATIONSHIP TO PHYSICAL EDUCATION: A BRIEF HISTORICAL REVIEW FOR COMPREHENSION

LUÍS SÉRGIO PERES

Doutor em Educação (PUC-SP), Professor do Colegiado de Educação Física da UNIOESTE.

Resumo: A história nos mostra que o corpo sempre esteve em evidência, tanto para homem como para a mulher. O objetivo deste artigo é resgatar um pouco dos estudos realizados sobre a abordagem corporeidade e sua relação com a educação física, através de pontos de vistas de algumas obras sobre o assunto. Assim, versaremos inicialmente a respeito de uma abordagem histórica do corpo, posteriormente sobre corporeidade, tentando defini-la neste contexto e terminando sobre sua relação com a educação física.

Palavras-chave: Corporeidade; Educação Física; Corpo; História.

Abstract: History shows us that the body has always been in evidence and this for men as well as for women. The aim of this article is to retrieve a little of the studies made about the approach of corporeality and its relationship to physical education, using the points of view of some works on this subject. Thus, we will initially talk about the historical approach of the body, then discuss corporeality, trying to define it in this context, and finally end with its relation to physical education.

Keywords: Corporeality; Physical Education; Body; History.

1 INTRODUÇÃO

“Nada está separado de nada, e o que não compreenderes em teu próprio corpo, não compreenderás em lugar algum”. (PLATÃO)

A história nos mostra que o corpo sempre esteve em evidência, tanto para o homem como para a mulher, sempre de acordo com a época, e hoje ambos os sexos continuam a dar valor à cultura do corpo, a valorizá-lo pelo fator estético ou usá-lo como objeto estético, mas, além disso, principalmente como meio de manter uma boa saúde.

Na antiguidade, por volta do século V a.C., estudiosos como Empédocles, Sócrates e Hipócrates preocuparam-se com esta relação, criando várias classificações de um modelo ideal de homem, e muitas apresentam hoje, apenas valor histórico.

Na Pré-história, o homem primitivo lutava pela sua sobrevivência, o ataque e defesa eram suas grandes preocupações, sugerindo que o mesmo deveria possuir um determinado biótipo para tais adversidades.

Na antiguidade, embora as apreciações se calcem quase que exclusivamente nos fatos do Mundo Mediterrâneo, não se pode deixar de relatar algo dos povos do Mundo Oriental. Estes eram influenciados pelas crenças religiosas e tinham como fonte de “verdade e conhecimento” a fé. A educação da juventude era voltada para a preparação física, onde o relevante era a robustez e o endurecimento do corpo, objetivando as guerras e as conquistas, sendo a finalidade biológica (estética e saúde) desprezada e desconhecida.

Nesta época, também encontramos no mundo Ocidental, dois povos, atenienses e espartanos, que exerceram a hegemonia política grega e deram origem aos estudos antropométricos de hoje. Para os espartanos os exercícios físicos tinham características guerreiras objetivando a preparação militar, a disciplina cívica, o endurecimento do corpo, a energia física e a espiritual. Os homens e as mulheres eram subordinados à preparação semelhante. Para os atenienses a educação corporal tinha lugar de destaque, adquirindo padrões de eficiência educacional, fisiológica, terapêutica, estética e moral.

Do século V ao I a.C., houve queda do ideal educativo na Grécia antiga. O profissionalismo e a especialização desportiva fizeram esquecer os fundamentos da instituição educativa criada pelo Estado. O problema educativo acompanhou a evolução do problema social e político. Com a invasão dos romanos, predominou o sentido militar, porém continuaram as pesquisas e estudos sobre o desenvolvimento corporal.

Durante o domínio do Império Romano sobre a civilização grega, embora os romanos tivessem assimilado a cultura destes, ambos tinham pontos de vista diferentes sobre o significado da utilização do corpo. Para os gregos, o homem deveria ter harmonia de formas e proporções, e para os romanos, o homem deveria ser forte e robusto, tendo como fim a formação guerreira.

Do século I ao IV d.C., a centralização e absolutismo do Império Romano fizeram perder todo o significado da Educação e da Educação Física na antiga Roma. Com a inclusão dos bárbaros nas legiões romanas, a escola magnífica de Educação e Cultura Físicas perdeu seu caráter cívico no serviço militar.

“*Panen et circenses*” tornou-se o ideal e aspirações máximas dos romanos. O espetáculo na forma de triunfos militares, de grandes jogos (corridas de gladiadores) que expressam sadismo e brutalidades, caracterizaram a decadência da cultura física e a geração de todo problema educacional (Pereira apud PERES *et al.*, 1998).

Com a queda do Império Romano caiu também no esquecimento, o estudo do corpo do homem durante a Idade Média. A Igreja Cristã ficou detentora de informações, período este conhecido como 'período escuro da história'.

Desta forma o pensamento em busca da unidade do homem vai se desenvolvendo, conforme nos coloca Brandl Neto (1998), havia a necessidade de pensá-lo de outra maneira, de vê-lo numa amplitude maior que incluisse a complexidade humana e suas incertezas. Assim então que corpo queremos?

Neste sentido, ao longo de sua existência o homem conseguiu muitos avanços, principalmente na área científica e tecnológica. Com isso conseguiu conquistar seu espaço enquanto ser, mas acabou por esquecer de

apreciar sua condição corpórea, ou seja, não reconheceu seu corpo em sua totalidade.

Com a corporeidade sendo sufocada pelos inventos tecnológicos, científicos e pela indústria do lucro, o homem acabou assumindo seu corpo segundo os moldes da ciência, da técnica e da sociedade. Com isso, o movimento acabou tornando-se, na maioria das vezes, um gesto mecanizado e não um gesto de criação e expressão natural do homem enquanto ser, “tanto na escola quanto no meio em que estamos inseridos”.

Hoje o que vivenciamos tanto na sociedade quanto na escola é uma tentativa do ser humano definir o seu corpo, mas isso dá-se principalmente em atividades que possam preparar somente o corpo humano para o mercado de trabalho, “sendo um equívoco”, pois estamos longe de reconhecer o corpo como totalidade, ou melhor, de aceitar e vivenciar a corporeidade em nosso dia-a-dia, tanto nas atividades profissionais como sociais e de lazer.

Somente através da corporeidade podemos dirigir nossa compreensão de corpo a além do físico, pois a dimensão corpórea se faz tanto em valores estéticos, como ético, espiritual e físico/social. E é desse corpo que o aluno e o cidadão precisam – o corpo vivido em sua corporeidade, ou melhor, sua totalidade enquanto ser – que se expressa de forma criativa, natural e espontânea, tanto dentro como fora da sala de aula.

2 CORPOREIDADE: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Quando se fala em corporeidade, não se tem um conceito bem definido pois ela remete a pensar um corpo total, ou seja, não separado em seus valores, éticos, estéticos, espirituais e físico/sociais. Corporeidade pode ser definida como “natureza do corpo” ou “estado corporal”, isso coloca-a como essencial do ser e o modo de ser ou estar no mundo, sendo corpo e organização do corpo em suas partes.

Conforme Santin (1992a, p. 51), “conhecer e reconhecer a corporeidade é a partir do humano do homem”. Quando ouvirmos esta pronúncia, corporeidade, todos acreditam dizer e pensar a mesma situação. Isso na realidade não ocorre, pois existem definições que separam o espiritual do corpo, o estético do

corpo, o intelecto do corpo e assim por diante. O provável dessas diferenças para se definir e entender a corporeidade é o fato de que, os significados dados à corporeidade são variados em ocasião da construção que se fez de corpo ao longo de existência humana, nas várias ciências que o estudavam e estudam e, nas diversas sociedades que construíram o corpo, e ainda, o constroem a partir de sua capacidade de produzir e pensar.

A etimologia define em sua raiz latina, corporeidade como um derivado de corpo que por sua vez significa a parte material dos seres animados, ou também, o organismo humano, oposto ao espírito, à alma (SANTIN, 1992a, p.52). Temos aí uma definição que separa o corpo em parte, tornando-o destituído de sua totalidade de ser.

Para Santin (1992a), a análise dos significados da corporeidade construídos pela filosofia e pelas ciências mostra a visão do conhecimento racional e científico do corpo, o que nem sempre corresponde à corporeidade vivida no cotidiano das pessoas.

A vivência e a experiência mostram que, em função de se privilegiar mais o intelecto e o físico, acaba-se por esquecer de relacionar a corporeidade com a realidade vivida por cada indivíduo, ou seja, basicamente o corpo é constituído a partir da razão e da técnica e não sobre os pilares valorosos das experiências e vivências de seres criativos e espontâneos no mundo e nas relações com este. (SANTIN, 1992a, p.53)

Sempre se atribui pouco valor à corporeidade e isso ficou mais evidente a partir do pensamento cristão e do pensamento intelectualizado dos filósofos e pensadores da história. O homem espiritualizado e intelectualizado pouco valor atribui aos princípios da corporeidade. Além disso, os interesses econômicos, políticos e sociais, fizeram com que o corpo se tornasse uma ferramenta de produção, que traria lucro e crescimento econômico ao meio no qual se está inserido.

A imagem da corporeidade de nossa cultura racionalizada, cientifizada e industrializada, reduz o corpo a um objeto de uso em conformidade com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos, não garantindo em modo a cultura do corpo.

De acordo com as leituras realizadas, percebe-se que, até hoje o corpo foi reduzido a interesses diversos, esquecendo-se de seu significado próprio de ser corpo, ser humano, pois isto não tem importância enquanto o corpo for apenas um mero produto. “Em nenhum momento da história do conhecimento racional, houve preocupação em definir o corpo humano a partir do próprio corpo” (SANTIN, 1992a, p. 57).

O corpo constrói seus valores a partir do que se experiência e vive, em suas relações com o outro, com a sociedade e os objetos de relação social, política e econômica. Tudo isso reverte ao corpo um saber próprio, de existência e de relação com o mundo. Infelizmente para a sociedade capitalista, o saber corporal não tem muita significação, pois prevalece o intelecto. Esse raciocínio leva a afirmar que, “o saber construído pelo corpo não merece confiança, somente o saber que vem da razão” (SANTIN, 1992a, p. 55).

Para o profissional da área da Educação Física, dependendo do propósito, é claro, de cada educador, seria importante preservar o fator humano, tratar os mistérios da vida humana pela linguagem do corpo e não das máquinas.

Tratando a corporeidade como essência do homem e natureza própria das expressões de ser e viver no mundo, conseguir-se-á tornar mais valorosa a vida e, a Educação Física ficará mais necessária e presente dentro da escola. Assim, o mundo dentro de suas transformações talvez não ficará restrito somente a conceituar as coisas a partir da ciência e da técnica, mas estabelecerá através da corporeidade um diálogo entre o eu, o corpo e o meio onde se vive, ou seja, o cidadão conhecendo a si mesmo e se relacionando com a sociedade e participando dela de forma total, “vivendo sua corporeidade”.

3 CORPOREIDADE – ALGUNS PONTOS DE VISTAS

Não podemos negar como fato histórico à corporeidade humana, a infinidade de gestos, expressões, movimentos que o ser humano foi e é capaz de realizar, dando origem a jogos, brincadeiras, danças e esportes,

lutas e diferentes tipos de ginástica.

O ato de aprender não se limita apenas à execução mecânica do exercício motor, mas constitui em atividades relacionadas ao cotidiano. Considerando que o educando se apropria de noções de conhecimento à medida que age, observa e se relaciona com o mundo, é enfrentando desafios e na troca constante de informações com os outros que ele se desenvolve. A corporeidade deve estar presente a cada momento, vivenciada pelo aluno, pois é nela que ele encontra sua identidade. Deve-se garantir o desenvolvimento do aluno na busca da autoconfiança, livre expressão e iniciativa.

O movimento humano é um tipo de linguagem, uma presença falante mesmo que silenciosa, constrói uma linguagem que se torna necessário ouvir para compreender. Podemos observar, ver para entender, é assim que o corpo pode se comunicar com o outro. “O homem é movimento; o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicatória e criadora” (SANTIN, 1987, p. 22).

Nas aulas de Educação Física, os gestos e movimentos dos alunos são vazios, sem significados. “O gesto falante é o movimento que não se repete, mas que se refaz [...]” (SANTIN, 1987, p. 26), é o gesto que não cansa e esgota o aluno, porque não se repete, cada um tem um gesto original, próprio, pessoal.

Se a Educação Física for compreendida dessa forma, teremos uma educação humana e não voltada ao treinamento físico. Movimentos que deixam espaço para a criatividade da expressão corporal. Talvez o desânimo de alguns alunos é explicado pelo fato de a educação física estar voltada ao esporte competitivo que dá oportunidade à minoria.

A Educação Física terá maior identidade e maior autonomia quando se aproximar mais do homem e menos das antropologias, de ser instrumento ou função para ser arte, quando se afastando da técnica e da mecânica e se desenvolvendo criativamente (SANTIN, 1987, p. 28).

Observa-se muitas vezes o aluno retornar à sala de aula, cansado, esgotado, sem condições e com falta de

interesse em retomar às demais matérias porque durante a aula de Educação Física exigiram um desempenho de maneira que ele saísse insatisfeito devido às atividades forçadas requerendo um bom desempenho durante o jogo. O aluno passa a sentir medo de jogar pelo simples fato de errar e ser cobrado pelo professor. Para o autor, a Educação Física é a única matéria que cria suas próprias leis que podem dispensar os alunos das aulas, alunos que talvez mais precisariam da atenção do professor, que mais necessitariam da prática. Dispensar os alunos é um sinal de que ainda não entenderam o significado das atividades físicas e das atividades esportivas.

A Educação Física deve ser oferecida a todos, proporcionando atividades através das quais o aluno aprenda a viver melhor, compreenda os seus movimentos e o seu corpo. Corpo e movimento são as possibilidades de expressão e a Educação Física faz parte do complexo mundo criado pelo homem através da compreensão de si mesmo, da corporeidade e de seus movimentos.

A Educação Física poderá desenvolver a idéia de corporeidade como um instrumento a ser exaurido em função de idéias de outra ordem, ou compreender o corpo como elemento básico humano que deve ser desenvolvido, construído e respeitado ao mesmo nível de todas as dimensões humanas (SANTIN, 1987, p. 51).

A Educação Física pode adotar métodos que seguem o princípio do rendimento, da competição onde o que importa é vencer para ser superior ou realizar atividades corporais dando espaço à criatividade humana. Para ele, esses princípios ainda não foram definidos, quais devem ser seguidos sendo que o mais importante é desenvolver atividades com liberdade.

O poder de criação do homem de descobrir, de expressar-se é algo infinito e isso se dá através de atividades humanas prazerosas, mas aos poucos o homem deixou de senti-las.

Toda a compreensão da sensibilidade e da corporeidade foram perdidos pelo homem. O homem aos poucos foi negando o seu corpo. Recuperar a sensibilidade seria, talvez, um esforço necessário que a Educação Física precisa encampar. É preciso

aprender escutar-se, ouvir a fala da corporeidade, atender as coisas e sentir (SANTIN, 1986, p. 86).

Os corpos são significativos uns para os outros, somos movimento que expressa e essa é uma forma de o homem se comunicar.

Corporeidade são gestos significativos, na medida em que vivemos a corporeidade ou nos sentimos corpos, nos tornamos significativos a nós mesmos, e aos outros. Somos significativos e passamos a ser significativos para os outros, o que produz a comunicação. Um se torna visível e compreensível ao outro (SANTIN, 1987, p. 87).

Freire (1991), coloca que corporeidade é a nossa vida, a imagem de um organismo vivo que nos distingue das máquinas e demais seres porque nosso corpo se expressa.

Pela corporeidade ela dá testemunho de sua condição de corpo. É pela corporeidade que o homem diz que é de carne e osso. Ela é testemunha carnal de nossa existência. A corporeidade é mais que um homem só: é cada um e todos os outros (FREIRE, 1991, p. 63).

Segundo o autor acima citado, a corporeidade foi marcada pela perspectiva dualista, a divisão de corpo e mente, e marcada pelo medo e receio da morte, do desconhecido que ela representa no sentido de não saber o que vai acontecer depois. Nesta perspectiva o homem acredita nesta divisão de corpo e mente, onde o corpo é apenas matéria e o que realmente é eterno é o espírito, ocorre então a negação do corpo e a valorização da mente, enquanto espírito, elemento imortal. Nesta concepção dualista, o corpo é tratado como matéria, um objeto, que executa os movimentos sem se importar com o significado das atividades.

Com essa preocupação com o significado do movimento, estamos vivendo um fato histórico no que se refere ao corpo. Não habitamos cadáveres, nossa forma de expressão é motora, temos capacidade de desenvolver a criatividade e nosso espírito crítico e a Educação Física têm a função de participar e acompanhar esta evolução histórica proporcionando ambientes favoráveis para o aluno tornar-se realmente sujeito.

Para Freire (1991), o movimento corporal é ao mesmo tempo inato e adquirido, o que não é inato nas condutas humanas é o seu lado cultural, se o homem tem que construir sua cultura, o faz com sua ação, quando passamos a observar uma pessoa se movimentando, o que vemos realmente no gesto é sua face cultural. E a cultura nos deixou poucos rastros e dessa maneira estamos estudando somente tudo aquilo que podemos ver. E o que se pode ver é toda essa ilimitada capacidade de variação motora do homem.

A cultura é uma receita que contém muitos ingredientes onde deveriam entrar a postura ereta, as mãos, a caça, o grupo, o cérebro, a morte e o nascimento, o superável de energia, os acidentes, etc. Mas todos “os ingredientes de que se serviu o homem para construir sua cultura foram misturados por esta carência congênita do homem” (FREIRE, 1991, p. 48), sendo que as faltas são tantas que tudo deve ser construído.

O ser humano é carente de recursos motores, não conseguiria sobreviver somente com os recursos naturais, não saberia sobreviver sozinho, ele precisa fazer parte da sociedade.

O homem é um ser que aprende graças ao fato de ter nascido sabendo pouco. Seu inato é um inato que sabe aprender. Não é um inato que precisa guiá-lo a cada gesto, mas um inato que está presente em cada gesto. O homem abriu mão da segurança dos instintos da inteligência da espécie para viver por conta própria. O preço que paga por isso é ter que aprender a cada instante como viver. Mas conservou, sabiamente, um conhecimento já instalado que lhe serve como mecanismo para aprender cada instante de sua vida (FREIRE, 1991, p. 50).

Para Gonçalves (1994), a utilização do corpo a serviço da produção não se reflete somente nas aulas de Educação Física, mas na sociedade onde a atividade humana foi reduzida devido ao crescimento do capital e a necessidade do dinheiro transformou o homem em mercadoria. O sentido dos movimentos está voltado à produção dos bens, que se tornou a maior necessidade do homem.

Na sociedade capitalista o processo de trabalho, alienando-se de raízes humanas, alienou também o

homem em sua corpo-realidade. Sua atividade produtiva, criativa, em que ele expressa seu ser total, é transformada em tempo de trabalho e absorvida pelo capital. O corpo do trabalhador não é somente um corpo alienado, mas é um corpo deformado pela mecanização e pelas condições precárias de realização dos movimentos (GONÇALVES, 1994, p. 63).

A redução da atividade humana é expressada na história da sociedade onde cada um segue sua cultura diferenciando seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos. Na maioria das vezes, as aulas de Educação Física não fogem às características em relação ao controle do corpo, são aulas comandadas pelo professor seguindo padrões em que os movimentos são repetitivos, isolados. O que se deveria esperar seriam movimentos de autênticas experiências de movimento, permitindo que o aluno formasse seu significado de movimento, desenvolvendo sua criatividade, movimentos livres que o aluno também tem fora da escola.

Ainda encontramos Educação Física seguindo padrões determinados por uma sociedade preocupada com o rendimento, enquanto deveria estar formando um homem capaz de orientar suas ações, não anulando seus sentimentos, com isso também anulando o corpo. No esporte de alto nível persistem a instrumentalização e a manipulação do corpo, perdendo assim sua corporalidade. É através do corpo que o homem se realiza. Todos nós sentimos a necessidade de brincar, viver em constante confraternização com os outros.

Na relação diante do mundo e do outro o fundamento da atitude ética: ver o outro não como um objeto, mas como o centro de seu mundo; ser capaz de captar o projeto existencial que o move e a sua forma de engajar-se no mundo (GONÇALVES, 1994, p. 92).

A autora acima ainda coloca que é através do corpo que marcamos presença, ele é expressão, é comunicação direta com o outro. Quando o corpo está presente nos permite uma compreensão do sentido do seu gesto, de sua expressão, das emoções. Somos compreendidos através do corpo, movimentos e gestos, posso entender o outro através do olhar, do sorriso, com as mãos, a postura em que se encontra, etc.

Com isso a corporeidade assume um papel fundamental na compreensão do corpo humano. Cada corpo tem sua corporeidade, sendo que cada um utiliza-se de uma maneira de interpretar o mundo.

[...] corporeidade é a forma do homem ser – no – mundo, não implica uma negação da transcendência e imortalidade do espírito, mas a afirmação de que é impossível a existência do homem no mundo sem um corpo (GONÇALVES, 1994, p. 102).

Pela corporeidade encontramos a explicação do funcionamento do corpo humano, da realização e significado do movimento.

Gonçalves (1994) entende que quando os movimentos são parcializados, sem criatividade e total participação do aluno, com certeza este será um indivíduo que não vai saber interpretar e questionar o mundo por si próprio, não vai se sentir um elemento capaz de ajudar e se engajar na sociedade. A Educação Física tem possibilidade de transformar o homem em um ser integral, de transformações sociais, orientando-o para as atividades de lazer como as danças e jogos que são criações próprias do homem e são realizadas com liberdade e criatividade. Essas atividades fazem parte da cultura. O homem ajudou a construir a história, assim ele é visto como um ser sensível que não tem diante de si apenas um corpo biológico, mas um ser que através de gestos e palavras revela suas emoções.

A Educação Física tem a capacidade de resgatar no aluno a criatividade, a sensibilidade e a sua identidade, isso significa ver o aluno como um ser ativo e participativo.

O professor de Educação Física é um agente transformador. Temos como exemplo a ansiedade e a expectativa com que os alunos esperam as aulas, contudo, ele tem como objetivo proporcionar ao aluno o conhecimento do seu corpo, “o sujeito com o seu corpo, com os seus movimentos, com as suas emoções, com as suas sensações e com as intencionalidades das suas ações vivenciadas no mundo da vida” (SCHWENGBER, 1997, p. 18). Através destas atividades permite-se a expressão e a criação. As ações, as palavras e as atitudes têm muita importância.

No gesto encontramos sentido, ele nos dá significado, pois o corpo é diferente de qualquer objeto, ele tem capacidade de compreender e de dar significado.

Neste sentido tudo tem grande importância, especialmente as expressões corporais dos alunos e dos professores: os gestos, os olhares, os sorrisos, as caretas, as expressões de curiosidade ou desânimo, o tom da voz, as falas, o silêncio, as caras emburradas, o mau/bom humor, o desrespeito, o deboche, o sofrimento e as esperanças. (SCHWENGBER, 1997, p. 33).

O corpo não pode ser entendido como uma máquina de músculos e nervos, as aulas de Educação Física seguem certos padrões aplicados mais para um corpo-máquina, não formando um corpo-sujeito livre para construir seus novos sentidos, sua própria imagem. Encontra-se profissionais que determinam um modelo de aula em que o aluno deve seguir da maneira que o professor ordena. A ordem é malhar e dessa maneira o aluno não vive a sua corporeidade.

A corporeidade marca a nossa presença no mundo, participamos do mundo, simbolizamos. Temos movimentos que expressam e comunicam, permitindo-nos compreender e sermos compreendidos. É assim que a vida do homem se torna repleta de ações, expressões e gestos, fazendo com que ele se descubra e entenda seu corpo.

[...] a corporeidade é condição fundamental da existência, é explicada pela presença do homem no mundo da vida. Percebemos o mundo com o nosso corpo. É por meio do corpo que compreendo o outro. (SCHWENGBER, 1997, p. 64).

Os movimentos têm significados e podem ser compreendidos, cada qual tem a sua maneira de realizá-los e cada qual tem sua maneira de interpretá-los.

“Corporeidade é a presença, estar no mundo, sua participação vai simbolizando o mundo” (SCHWENGBER, 1997, p. 68). Dessa maneira o homem vai conseguir se constituir, ter a sua maneira de dar significado ao seu comportamento, por meio do corpo o homem aprende a sentir, ouvir, cheirar, olhar o mundo.

Ele deseja, odeia, seduz e ama, mas esse comportamento muda de cultura para cultura devido às transformações sociais que se modificam à medida que os valores são alterados. Essa capacidade de compreender e dar significados, o homem vai adquirindo conforme a sua bagagem cultural for crescendo, pois ao nascer é dependente e aos poucos os fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais, atuam na maneira de agir do homem, tornando-a independente, construindo seu próprio comportamento, “[...] é a perspectiva cultural que mantém e organiza a maneira como cada homem elabora os símbolos significantes da dimensão pública do comportamento humano” (SCHWENGBER, 1997, p.72).

Para a autora, os responsáveis pela educação da criança, falham ao interferir na construção da imagem corporal, que sustenta a identidade do sujeito e de seus desejos pelas suas próprias expressões e palavras.

4 CORPOREIDADE E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física no Brasil teve a sua história marcada pelo militarismo, uma disciplina extremamente rígida, imprópria para as atividades escolares. Ao longo dos anos, essa forma de disciplinar foi moderada, especialmente no que diz respeito ao corpo.

Para Santin (1987), o homem ainda não se compreende como corpo, mas sim como alguém que ocupa o corpo (matéria). Por isso as aulas de Educação Física devem oferecer condições de compreender o corpo, ela faz parte do mundo criado pelo homem, da compreensão de si mesmo, da corporeidade e de seus movimentos.

Com isso pode-se reduzir a Educação Física a movimentos mecânicos, objetivando a competição, o rendimento e o desempenho, mas que proporcione um caminho de humanização, um espaço utilizado para desenvolver a criatividade, formando um sujeito crítico e sensível à realidade que o envolve. Assim, “a Educação Física passa a ensinar e ajudar a viver e sentir-se corporeidade” (SANTIN, 1987, p. 50).

Nesta perspectiva, Freire (1991, p. 52) coloca que vivenciando a corporeidade na Educação Física, não como movimento mecânico, mas como movimento de conhecimento do seu próprio corpo, devemos “fazer algo de útil com a prática pedagógica, fazendo com que as pessoas realmente se percebam como corpos”. Gonçalves (1994) vê que a Educação Física pode proporcionar um ambiente favorável para alguém realmente tornar-se sujeito. Isso não ocorre porque a Educação Física segue padrões determinados pela sociedade, anulando o sentido das ações dos alunos.

A aula de Educação Física constitui um espaço onde o aluno poderá vivenciar os princípios democráticos de liberdade, participação, cooperação, deliberação coletiva e modificação das condições de ação, quando a situação o exigir. A Educação Física estará dessa forma contribuindo para a formação do aluno como um agente de mudanças sociais (GONÇALVES, 1994, p. 64).

É nas aulas de Educação Física que o professor encontra possibilidades de transformar o aluno em um ser integral, que seja um agente participativo nas transformações sociais.

A Educação Física pode tornar-se um caminho amplo de possibilidades de resgatar no homem a criatividade, a sensibilidade e a identidade consigo próprio e, sobretudo sua natureza social. Isso significa ver o homem como um ser ativo e participante na construção do seu mundo, que busca em sua prática concretizar os anseios da verdade, liberdade e justiça social (GONÇALVES, 1994, p. 178).

A Educação Física incentiva os alunos a participar de decisões, possibilitando-o a tornar-se um ser integral.

Para Schwengber (1997, p. 64), nossas expressões nos dão sentido, trazem significações do mundo, “o corpo é o que possibilita o sujeito a se abrir ao mundo e a se situar nele”. Nosso corpo tem um saber natural, mas quando estabelece uma relação com os outros, relação social e não isolada, o seu saber aumenta.

Isso muitas vezes não ocorre na aula de Educação Física que tenta produzir um corpo disciplinado, muito mais preparado para decidir e criar. Essas atividades não

possibilitam que o corpo se expresse, sinta e se comunique. Schwengber (1997, p. 172) destaca que em certos casos é difícil “anular completamente a capacidade de criar, pois mesmo dentro desta lógica os corpos – sujeitos lutam e criam resistência que transcendem o estabelecido”.

5 REFERÊNCIAS

- BRANDL NETO, I. Uma breve visão do corpo na história da filosofia ocidental. In: PERES, L. S. et al. **Educação física: abordagem histórica do corpo e novas perspectivas: o corpo, a corporeidade, a motricidade e a educação motora**. Cascavel: Edunioeste, 1998.
- FREIRE, J.B. **De corpo e alma o discurso da motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.
- GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.
- PERES, L.S. O corpo ideal: uma revisão histórica. In: PERES, L. S. et al. **Educação física: abordagem histórica do corpo e novas perspectivas: o corpo, a corporeidade, a motricidade e a educação motora**. Cascavel: Edunioeste, 1998.
- SANTIN, S. **A biomecânica entre a vida e a máquina: um acesso filosófico**. Ijuí: Unijuí, 1996a.
- _____. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1986.
- _____. **Educação física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: Edições EST, 1996b.
- _____. **Educação física: educar e profissionalizar**. Porto Alegre: Edições EST, 1999.
- _____. **Educação física: ética, estética e saúde**. Porto Alegre: Edições EST, 1995.
- _____. **Educação física: outros caminhos**. Porto Alegre: Edições EST, 1990.
- _____. **Educação física: temas pedagógicos**. Porto Alegre: Edições EST, 1992a.
- _____. **Educação física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí, 1987.
- _____. **Perspectivas na visão da corporeidade**. In: GEBARA, A.; MOREIRA, W.W. (org). **Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI**. São Paulo: Papyrus, 1992b.
- SCHWENGBER, M.S.V. **O silêncio e as falas dos corpos-sujeitos nas práticas de educação física de uma escola pública**. Ijuí: Unijuí, 1997.

Correspondência:

Autor: Luís Sérgio Peres

Endereço: Rua Pernambuco, 1777, Centro, Marechal Cândido Rondon – Paraná.

CEP 85969-000

E-mail: luissergioperes@bol.com.br

Recebido em:

Aceito em: